

WATCHMEN:
A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO NA FIGURA DO HERÓI

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Os heróis são idolatrados no imaginário da humanidade e suas imagens são construídas a base da perfeição. Sem defeitos e repletos de virtudes, as pessoas esperam que os heróis não façam nada de errado. Com a postura sempre voltada para a moral e a ética, a maioria dos heróis apresentam atitudes louváveis e sempre escolhem fazer o que é mais correto, essa corrente de ações funcionam como um exemplo a ser seguido perante aqueles que estão presentes em suas histórias. Quando se lê as histórias em quadrinhos de figuras heroicas como Super-Homem e Homem-Aranha a realidade e contexto de suas narrativas influenciam no comportamento dos mesmos. As pessoas a serem salvas nessas narrativas convencionais de heróis esperam por eles porque acreditam no potencial de seus vigilantes. Nessa perspectiva, indaga-se sobre os heróis em Watchmen: e o que se obtém? Heróis tão problemáticos e caóticos quanto o mundo que estão tentando salvar. Alan Moore, apresenta em uma de suas maiores obras como seria o mundo com heróis. E ele era feio.

Palavras-chave: Watchmen. Contexto. Herói. Histórias em quadrinhos. HQ.

1. Introdução

Esse trabalho faz parte do meu projeto de pesquisa do mestrado intitulado: “Uma análise dos símbolos em Watchmen, de Alan Moore”, orientado pelo professor Doutor Nataniel dos Santos Gomes. No qual discutimos os símbolos em Watchmen, como uma ponte de compreensão para o próprio sentido da obra. Visto que os símbolos que aparecem no decorrer da narrativa carregam relações bilaterais, ou seja, o sentido que o símbolo demonstra e sua interpretação que o contexto da obra apresenta.

Vale mencionar que também temos esse tipo de discussão acerca das histórias em quadrinhos no grupo NuPeQ – Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos, realizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande (MS), também sob a coordenação do professor Doutor Nataniel dos Santos Gomes. Visto a importância de como essa forma de arte tem sua grande relevância na formação do leitor e como também através de sua leitura auxilia no desenvolvimento da criticidade.

Quando se pensa em histórias em quadrinhos é preciso mencionar que dentro desse hipergênero temos outros gêneros: tirinhas, charges, *graphic novels*, entre outros. Logo, o recorte escolhido para análise são os heróis em *Watchmen*, uma *graphic novel*¹¹⁸ escrita por Alan Moore e ilustrada por Dave Gibbons.

Outro ponto importante acerca da obra escolhida como objeto é o fato dela estar inserida no período pós-moderno no universo dos quadrinhos. Na pós-modernidade as formas de expressar se adaptaram à nova realidade do cotidiano do mundo. Peccinini e Leite nos dizem que:

Um clima de incertezas e uma dificuldade de sentir ou representar o mundo são as condições do pós-moderno. Diante da sensação de irrealidade, da desordem e do vazio, a sociedade cada vez mais se individualiza e se torna apática. Ela não encontra valores e sentido para a vida, somente se entrega ao prazer imediato e ao consumismo. Portanto, ela não desenvolve pensamentos profundos ou existenciais, mas apenas repostas rápidas e adequadas à era do consumismo exacerbado. É o indivíduo pós-moderno, símbolo maior e centro da decadência de valores humanos, que será atingido e tematizado pela arte contemporânea. (PECCININI; LEITE, 2002, p. 01)

A arte passou a representar esse mundo de inseguranças e incertezas, assim como livros e pinturas as histórias em quadrinhos também se configuraram na mesma perspectiva. E esse mesmo clima denso está presente nas narrativas de *Watchmen*. O contexto se realiza em uma realidade alternativa, na qual existe a vitória americana na Guerra do Vietnã e a vitória na reeleição de Richard Nixon à presidência dos Estados Unidos. A trama se constitui a partir de um assassinato de um membro do grupo dos vigilantes: o comediante, logo após isso se instaura uma possível conspiração para matar todos os vigilantes. O caos faz parte da narrativa, há uma visão pessimista do mundo que é construída por conversas entre os personagens e fica nítido a raiva dos mesmos.

Segundo Irwin e White (2009, p. 13)

em *Watchmen*, Alan Moore e Davi Gibbons nos deram uma vislumbre de como realmente se pareceria o mundo com heróis uniformizados – e ele não era bonito. Não era o brilhante “mundo do amanhã” que nos era tão familiar nos quadrinhos do Super-Homem.

A desconfiguração do herói é algo perceptível na trama. Temos

¹¹⁸ É o termo utilizado para se referir as histórias de longa duração, é o análogo na arte sequencial. Geralmente seus temas trabalham questões diversas, tais como: violência, homossexualismo, caos, entre outros e atingem mais o público adulto.

heróis tão caóticos quanto o mundo que tentam salvar. O contexto que Moore cria ajuda nessa desconstrução do que acreditamos ser o herói. Longe das perfeição que estamos acostumados a perceber em personagens como Super-Homem veremos nesse trabalho um pouco do que realmente seria os heróis no ótica de Moore.

Porém, antes de discutir sobre o herói clássico, que tem sua imagem feita a partir dos mitos, é válido explicarmos que essa noção do super-herói, que tem suas raízes na cultura norte-americana, tem como papel tentar completar as lacunas dessa mesma sociedade.

Os meios de comunicação no século XX, passaram a criar símbolos, através de personagens, seja nos quadrinhos ou no cinema, que atuam como um veículo reparador das fissuras que acometiam os Estados Unidos nos anos 30. A América se reconstruía baseada naquele que sempre foi seu melhor produto de exportação, os sonhos. Nascia assim, o arquétipo do herói perfeito, um ser de habilidades quase divinas, que além de deter extraordinários poderes é possuidor de um caráter incorruptível. (MATTOS; SAMPAIO, 2004, p. 15)

Novamente, vimos que os heróis são para suprir esse vazio de uma sociedade, que a partir dessas representações de seus heróis tentam revelar uma imagem forte desse grupo social, sendo assim, os vigilantes mostrariam a verdadeira face dessa nação.

2. Os heróis clássicos

Os heróis possuem sua edificação no mito, que de uma maneira simplória é uma narrativa de acontecimentos fictícios, atribuídos a deuses, a heróis humanos, a seres sobrenaturais [...] Ou seja, constitui objeto de uma crença coletiva, e assim contribui para estruturar o vínculo e a organização social. Logo, por seu valor simbólico, o mito se distingue da lenda (narrativa adornada e ampliada da crônica de um personagem histórico real) e da fábula ou alegoria (que visam extrair da narrativa uma lição moral). (DORON; PAROT, 2002, p. 505)

Para Vieira (2007, p. 81), o mito se caracteriza como algo que vai além da simples imagem representada, uma vez que esta se reveste de conteúdos passíveis de interpretação, de acordo com a cultura de indivíduos ou povos. Cada cultura forma a figura imagética da própria crença do mito. Assim como a arte, os mitos nem sempre podem ter seus conteúdos explicados de forma racional. Ao apreciá-los, o homem pode chegar a inúmeras formas conclusivas diferentes, uma vez que, como as figuras arquetípicas, a arte é passível de interpretação (pessoal). Graças ao sen-

timento de coletividade e universalidade do mito, essas representações não se perdem completamente no absurdo, podendo seguir um padrão que, se não é lógico, é pelo menos “sensato”.

Compreendemos que o mito sempre esteve presente na vida do homem, na construção de sua sociedade. E essa a própria noção do herói foi sendo moldada com o tempo. Temos desde a mitologia até a pós-modernidade diferentes arquétipos de heróis. Essa percepção dessa figura se molda de acordo com as características atuais das sociedades.

Os primeiros tipos de heróis foram os clássicos. Estes não são caracterizados como intelectuais, mas homens de bravura e coragem com muitas estratégias que são bem sucedidas. Além disso, demonstram disposição para adquirir sabedoria e por isso estão num nível mais elevado do que outras pessoas que possuem um estilo de vida que não representa destaque com características bem simples de sobrevivência e submissão social. (LIMA; SANTOS, 2011, p. 03)

De acordo com Feijó (1995, p. 63) “na mitologia, o herói é divino. Na poesia épica ele é unidade de sentimento e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo”. Se buscarmos o entendimento etimológico da palavra “herói”, Loeb e Morris (2005, p. 25) nos diz que “o dicionário define “herói” como um termo derivado do grego antigo, e significando “homem com qualidades magnânimas; semideus”. Outra explicação é também “homem extraordinário por seus feitos guerreiros”, ou ainda “homem admirável por feitos e qualidade nobres”. Essa última é particularmente interessante.

Cria-se então no entendimento comum da mente humana que o herói é aquele que vá salvar o dia, que é incorruptível, que não traz nenhum mal para as pessoas que os cercam, e sempre colocam a humanidade a frente deles. Sendo assim, o contexto pode influenciar na formação do caráter de um herói? Veremos no próximo tópico como o contexto tem uma significação para o herói ser alguém virtuoso.

3. O contexto e o herói

O herói é perfeito na coletividade do pensamento humano, ele é alguém dotado força e sabedoria, um ser incorruptível que não usa seus dons para o mal. Temos como um grande exemplo disso, o nosso querido Super-Homem. Um herói repleto de virtudes e anseios para fazer o correto, suas atitudes são sempre da melhor forma em busca do bem total.

Não há quem não gostaria de ser salvo por esse herói.

Ele é um enviado do céu que chegou na terra para cumprir a missão de salvar os humanos. Seu dever moral não o deixa ser alguém com tendências para o lado negativo. Porém, em vista do mencionado, o que realmente faz com que ele seja um herói? Será isso mero acaso ou o contexto que ele foi inserido ajuda?

Bem, não há como negar que ele é um herói construído a partir do princípio do herói clássico, daquele que sempre fará o certo, mas uma coisa tem de ficar bem explicada que é o fato do próprio contexto de suas narrativas. Em suma, Super-Homem aterrizou na cidade de Smallville e depois começou a atuar muito em Metrópolis. Essas duas cidades se apresentam como um local favorável para o herói em questão. Nelas as pessoas esperam ser salvas. Quando há alguma grande dificuldade e por esses moradores saberem de fato o grande poder do Super-Homem elas realmente torcem por ele aparecer e salvar o dia. É importante dizer que sabemos que mesmo com existência de quem relute pela presença desse herói nessas cidades, a maioria da população o louva.

O mesmo acontece com o nosso amigável Homem-Aranha, regido pelo grande ensinamento do seu Tio Ben¹¹⁹ que “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, esse jovem chamado Peter Park faz o possível e o impossível¹²⁰ para manter a paz na cidade em que está inserido. E mesmo que sua figura enfrente a grande crítica da mídia da cidade de Nova York, temos um herói que é clamado pelos habitantes. Tanto que quando Peter deixa de ser o Homem-Aranha no segundo filme é perceptível o quanto a população sente sua falta. E outro grande ponto que demonstra isso é quando ele fica sem máscara tentando salvar as pessoas que estão dentro do metrô, a população diz que não vai contar o seu segredo e ainda falam para o Dr. Octopus que só vai conseguir pegar o garoto se passar por cima deles. Vemos, então, que Homem-Aranha atua em uma cidade que o quer ali.

Percebemos que o contexto pode influenciar nas atitudes de um herói, afinal será que Peter Park, que recebe uma certa negatividade de sua vida dupla, por tirar notas baixas, por não conseguir se manter em um

¹¹⁹ Estamos nos pautando aqui com a frase do primeiro filme dirigido por Sam Raimi.

¹²⁰ Mesmo que ele desista por um tempo no segundo filme, depois acaba voltando e cumprido sua trajetória como herói.

emprego, por ter problemas com a namorada... teria voltado a ser Homem-Aranha. Claro que não podemos esquecer que o que impulsionou muito essa atitude de volta foi para salvar Mary Jane, mas não se pode negar que essa proximidade entre ele e as pessoas que salvam ajudou muito nessa atitude de Peter.

Esses fatos permeiam a questão do contexto e herói. Fica nítido que as atitudes dos heróis são influenciadas pelo próprio contexto que estão inseridos. A desenvoltura do herói segue um padrão de atitudes quando o mesmo está agindo em uma cidade receptiva a ele. Agora, levando essa problemática do contexto para dentro de *Watchmen* percebemos o motivo pelo qual a situação é tão caótica.

Não só o governo não quer mais que mascarados atuem pela cidade sem um registro como também a própria população não quer a presença deles. Para os civis isso é um problema para a polícia e não para pessoas que vestem roupas bizarras e saem para combater o crime.

A celebre frase presente no percurso narrativo da história “Quem vigia os vigilantes?” nos atenta ao fato de que os vigilantes/heróis da série *Watchmen* não são bem-vindos. E se quiserem continuar nesse jogo contra o crime é preciso que se registrem de acordo com as normas da Lei Keene e a partir desse ato ou os mascarados trabalhariam para o governo ou se aposentariam.

Em meio a toda essa adrenalina e o contexto sombrio e caótico de *Watchmen* os heróis possuem uma postura longe da convencional que o público está habituado a ler. Por isso no próximo tópico é explorada a figura do herói nessa *graphic novel*.

4. Os vigilantes

Guerra (2013, p. 157) nos diz que Moore, em *Watchmen*, tenta mostrar como seria a vida real caso existissem de fato super-heróis. Logo, esses heróis têm seu papel clássico totalmente destruído, assumindo novas funções e concepções diante da sociedade.

Sendo assim, a trama em *Watchmen* se desenrola com a morte de um dos membros dos vigilantes: o Comediante. A partir disso, outro vigilante chamado Rorschach começa a levantar a hipótese de que estão tentando acabar com todos vigilantes. O pano de fundo para a história é uma possível guerra nuclear.

No final da narrativa se descobre que quem queria a morte de todos os vigilantes era um deles. Com isso, Moore trabalha a desconstrução da figura do herói em sua obra e demonstra como o contexto é algo importante nesse processo, pois o contexto criado pelo autor é a própria realidade.

Alan Moore caracteriza seus personagens de forma tão realista e implacável que é difícil, após a conclusão da série, levar o conceito de “super-herói” novamente a sério. Moore insere no enredo diversos elementos do mundo “real”, modificando pontualmente o universo da HQ (História em Quadrinhos) em consequência dos efeitos, naquela realidade, do surgimento dos “super-heróis”. (LIMA, 2009, p. 03)

Na relação entre o contexto e a realidade exhibe-se como um herói realmente se portaria frente às dificuldades verossímeis, ou seja, os grandes vilões não são outros mascarados ou alienígenas, e sim ladrões, esturpadores, corruptos, entre outros.

O que serve de análise para esse trabalho é o fato de como um mesmo contexto caótico interferiu de maneiras diferentes em cada vigilante. Vejamos abaixo, a personalidade de cada herói:

Comediante (Edward Blake):

Ele reconheceu a verdadeira natureza humana e usa o humor irônico como uma forma de escapar. Sua celebre frase “É tudo uma piada” representa essa visão amarga que ele tem da humanidade e do mundo que o cerca. É extremamente cínico e violento, e faz as coisas pelo seu próprio julgamento. Estuprou uma companheira de luta contra o crime e matou uma mulher que carregava no ventre seu filho. Quando lutava por suas convicções acreditava estar fazendo o que era mais coerente. Sem expectativas de melhoras ele não se prendia a ideia de as pessoas podiam mudar sua natureza e que o mundo poderia ser um lugar melhor.

Dr. Manhattan (Jonathan Osterman):

É o único com poderes, sua imagem é relacionada com a de Deus, mas não uma relação edificada nos aspectos bons do cristianismo, mas sim pelo fato da onipresença. Ele tem o poder de modificar o que está a sua volta, mas é frio¹²¹ e percebe a vida como mais um fenômeno cósmi-

¹²¹ É importante dizer que quando nos referíamos a ele como um ser frio. Não estamos anulando a

co. Poderia salvar todos, mas não o faz. À medida que o tempo se passa ele compreende menos os seres humanos. Não acredita na existência de um deus, e diz que se fosse como o Deus cristão, não seria como ele. Sua origem é comum quando se pensa em super-heróis tradicionais, em suma, foi um cientista nuclear, após um acidente em uma experiência foi desintegrado. Aprendeu a reorganizar seus átomos e por isso surge como um ser capaz de manipular a matéria, viajar no espaço, ocupar lugares distintos ao mesmo tempo, e consegue enxergar o seu passado e futuro de forma simultânea e pela relatividade do tempo.

Coruja II (Dan Dreiberg):

Um homem intelectual, rico, solitário e tímido. É muito inteligente na área de tecnologia avançada e possui vários equipamentos contra o crime. Podê-lo-ia dizer que esse é o personagem sensato da trama, senão fosse pelo fato de se arrepender de ter se aposentado com a Lei Keene e de ignorar os crimes que acontece a sua volta durante o período de aposentadoria. As circunstâncias acabaram com suas antigas ambições e agora ele é só mais um na multidão.

Ozymandias (Adrian Veidt):

Um bilionário recluso na própria individualidade, ególatra, considerado o homem mais inteligente do mundo. Logo, com sua inteligência se torna um perfeito atleta e lutador, ao ponto de conseguir desviar da bala por calcular sua trajetória. Ele se aposenta antes da Lei Keene começar a existir. Ele planeja o ataque contra o próprio mundo na utopia de instaurar a paz, também é ele quem mata o Comediante e arma uma cilada para Rorschach. Veidt acredita que os meios justificam os fins. Loftis (2009, p. 73) “dessa forma, Ozymandias é um vilão trágico, um homem cujo ego opressivo e a incapacidade de apreciar a natureza obscura da vida o levam a pensar que o fim pode, às vezes, justificar os meios.”

possibilidade do mesmo possuir sentimentos. Acontece que durante a narrativa é demonstrado como ele se tomou o que é, e como o sentimento é percebido de forma diferente pelo mesmo.

Rorschach (Walter Kovacs):

“Porque há o bem e há o mal, e o mal deve ser punido. Mesmo em face do Armageddon, não farei concessões nisto. Mas há tantos merecendo punição... e há tão pouco tempo.” Diário de Rorschach, 13 de outubro de 1985, 23h30. Por meio dessa anotação em seu diário vemos que ele é o personagem mais enigmático e dicotômico da trama. Um pessimista com força interior e devido a sua trajetória não consegue se encaixar normalmente com a sociedade. Ele que move o enredo com seus questionamentos e vai contra os pensamentos de Veidt. Sobre sua ótica:

Rorschach carrega um fardo terrível. Ele viu a verdadeira face da cidade. Ele viu este mundo cheio de vermes, pelo que ele é: uma vala dos desgraçados, cada um escalando sobre as costas de seus vizinhos por nada mais que um prazer insignificante, para simplesmente continuar essa vida patética por um segundo, um minuto, um dia a mais. (HELD, 2009, p. 29)

Held (2009, p. 29) ainda nos diz que “A mente de Rorschach é de fato um lugar negro, e mesmo assim é regida por um princípio simples, de longa e venerável tradição: o mal deve ser punido.” Mas, isso não faz dele o herói da trama. Ele está em um conflito consigo, a tal ponto de não se reconhecer sem sua máscara. Para ele não existe um crime menor ou maior, qualquer que seja o mal cometido, tende ser punido. “Não é Deus que mata as crianças. Não é a sina que as esquarteja ou o destino que as dá de comer aos cães. Somos nós. Apenas nós.” (MOORE, 2009, cap. VI, p. 26). Outra fala do personagem que nos remete ao quão caótico está o próprio mundo e de como Rorschach entende que não há como mudar a essa natureza humana e a forma como a sociedade caminha, mas dá para punir o mal.

Espectral II (Laurie Juspezyk):

Ela é forçada pela mãe a se tornar uma heroína. Carrega o fardo dos dias de glória que sua mãe um dia teve. Relacionou-se com Dr. Manhattan e depois com o Coruja II. Sem grandes perspectivas viveu a sombra da mãe e depois as sombras de Manhattan. Em conflito com sua própria história luta contra o crime sem grandes ideais.

Vimos que os heróis criados por Moore representam a decadência do que seria o herói e que o contexto criado por ele ajuda nessa desconstrução imagética.

5. Conclusão

O contexto que Moore criou em sua narrativa *Watchmen* está mais perto da nossa realidade do que os outros contextos em histórias como a do Homem-Aranha e do Super-Homem. O mundo realmente está sofrendo um perigo real e os crimes cometidos se assimilam com os que vemos em noticiários e lemos nos jornais.

É claro que num lugar assim os heróis não seriam perfeitos. Esses heróis não retratam o que gostaríamos de ser, mas sim o que realmente somos: ambíguos, egocêntricos, às vezes frios com os outros, medrosos quanto a decidir o que iremos fazer de nossas próprias vidas, entre outras características.

Cada vigilante em *Watchmen* representa algo negativo dos seres humanos, claro, que não podemos negar que os mesmos possuem seus valores, mas, dentro dessa densa narrativa, o que fica em evidência é como seria o nosso mundo com pessoas mascaradas tentando salvar o dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDALLO, Sérgio. A semiótica que vigia os vigilantes: um olhar sobre a importância e os símbolos de *Watchmen*. In: GOMES, Nataniel dos Santos. *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012. p. 73-86.

DORON, R.; PAROT, F. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática, 2002.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GUERRA, Amanda. Pós-modernidade nos quadrinhos: a desconstrução em Alan Moore. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. *Para o alto e avante! Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2013, p. 151-161.

HELD, Jacob M. Podemos conduzir este mundo sem leme? Kant, Rorschach, retributivismo e honra. In: IRWIN, William; WHITE, Mark. *Watchmen e a filosofia: Um teste de Rorschach*. São Paulo: Madras, 2009, p. 29-39.

IRWIN, William; WHITE, Mark D. Introdução: um teste de Rorschach. In: IRWIN, William; WHITE, Mark. *Watchmen e a filosofia: Um teste de Rorschach*. São Paulo: Madras, 2009. p. 13-14.

LIMA, José Rosamilton de; SANTOS, Ivanaldo Oliveira dos. A trilha do herói: da antiguidade à modernidade. In: *Revista dEsEnrEdoS*, ano III, n. 9. Teresina (PI), abr.-jun.2011. Disponível em:

<<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/9 - Artigo - Heroi - Ivanaldo - Rosamilton.pdf>>. Acesso em: 23-03-2014.

LIMA, Rafael Sanzio Borges. Watchmen: ficção e contexto sociocultural. *Revista Eletrônica Temática*, ano V, n. 09, set./2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Setembro/watchmen_quadrinhos_sanzio.pdf>. Acesso em: 19-04-2014.

LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. Heróis e super-heróis. In: IRWIN, Willian. *Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático*. São Paulo: Madras, 2005.

LOFTIS, J. Robert. O plano de Veidt: Watchmen e a ética. In: IRWIN, William; WHITE, Mark. *Watchmen e a filosofia: Um teste de Rorschach*. São Paulo: Madras, 2009, p. 67-79.

MATTOS, Leonardo Martinelli de Campos; SAMPAIO, Rafael Cardoso. *A evolução do mito do herói dos quadrinhos*. Juiz de Fora: UFJF, FÁCOM, 1º sem. 234 fl. Mimeo. Projeto experimental do curso de Comunicação Social. Disponível em:

<<http://www.historias.interativas.nom.br/lilith/aula/leitura/mitoheroiquadrinhos.pdf>>. Acesso em: 23-03-2014.

MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen*. Edição definitiva. São Paulo: Panini Brasil, 2009.

PECCININI, Daisy V. M.; LEITE, Luciana de A. *Pós-moderno: a problemática do pós-moderno no campo artístico*. São Paulo: MAC/USP, 2002. Disponível em:

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>>. Acesso em: 12-04-2014.

VIEIRA, Marcos Fábio. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. *Contemporânea*. n. 8, p. 78-90, 2007. Disponível em:

<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/07MARCOS.pdf>. Acesso em: 23-03-2014.